

O uso de atividade de campo como estratégia pedagógica para aulas de Sociologia em escolas rurais: um relato de experiência docente

Roniel Sampaio Silva ¹⁴

1- INTRODUÇÃO

Este relato de experiência tem por objetivo socializar experiência de atividade de campo realizada em novembro de 2012 por alunos do curso 3º ano do curso Técnico em Agropecuária do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia – IFRO Campus Ariquemes. Na ocasião, os discentes e docentes participaram de uma aula de campo na reserva ambiental do campus chamada “Batistão”. No local foi trabalhada atividade multidisciplinar com professores de Língua Vernácula, Sociologia e Geografia. O objetivo da aula foi contextualizar, de forma multidisciplinar, os alunos junto à obra “Andar a pé”, de Henry Thoreau.

O espaço formal da sala de aula muitas vezes gera uma rotina que faz com que alunos e professores se desgastem, ficando processo de ensino aprendizagem comprometido. As aulas parecem “não render” em alguns momentos, mesmo com o planejamento e dedicação de professores.

Uma das principais queixas dos colegas docentes refere-se à falta de interesse pelas aulas por parte dos educandos. Dentre as mais variadas razões que se possa elencar, podemos citar a falta de entendimento entre duas gerações. Há na sala de aula duas realidades que não se relacionam facilmente, a do professor e do aluno. Tal relação fica ainda mais comprometida em função da complexidade de relações que há na instituição.

Comumente o professor, de certa forma, fica impedido de transcender as tarefas meramente burocráticas, o que o faz esquecer, em alguns momentos, da possibilidade e realizar atividades de campo extra-classe. Já em outros contextos a impossibilidade é justificada pela falta de estrutura da escola. As aulas expositivas sem nenhuma

¹⁴Bacharel e licenciado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Piauí, Docente do Instituto Federal de Rondônia - Campus Ariquemes.

preocupação com estratégias pedagógicas adequadas pode distanciar cada vez mais o professor do aluno, tornando o vínculo entre o discente e a disciplina meramente formal.

Mediante a esta situação e a partir de conversas com professores mais experientes, fui aconselhado a desenvolver atividade de campo. Porém o campus onde trabalho está localizado um pouco distante da cidade, o que parecia dificultar as práticas extra-classe. O desafio era pensar uma atividade de campo em um cenário de floresta. Foi então que lembrei do texto de um autor americano que, desanimado com sua sociedade refugiou-se na floresta.

2- O PLANEJAMENTO DA ATIVIDADE

No início deste ano uma amiga me indicou o Livro de Henry Thoreau “Andar a pé”. Não dei. Inicialmente, a devida atenção à obra, porém, mesmo sem interesse inicial, me debrucei sobre ela, já que eram poucas páginas.

O livro, basicamente, descreve a experiência do autor em afastar-se de sua sociedade a fim de descobrir novos horizontes bucólicos, apresentando o contato do personagem com a natureza como forma de descobrir-se.

O mesmo autor escrever a obra “A desobediência civil”. Nele o autor trata o princípio pelo qual o sujeito manifesta-se contra um Estado opressor sem precisar combatê-lo militarmente, apenas recusando a apoiá-lo. Nessa obra não-ficcional retratou sua percepção do Estado, colocando a questão da obediência no patamar do Direito Civil (THOREAU apud DRUMMOND, 1984)

A partir da obra “Andar a pé” é possível realizar uma análise sociológica riquíssima e dialogar com os alunos em busca de significados, sobretudo contextualizando-os. Para tanto considerando mais rico trabalhar não apenas elementos sociológicos, haja vista que o livro faz alusão à relação do homem com o espaço, bem como a relação intrapessoal. Nesse sentido, achou-se necessário uma contextualização mais ampla, multidisciplinar, envolvendo não apenas sociologia; mas também Língua Portuguesa, Geografia e outras áreas afins.

Desta forma, foram convidados professores dessas áreas para trabalharmos em equipe e desenvolvemos um planejamento a cerca do escopo a ser seguido. Como

resultado, decidimos basicamente seguir dois eixos na atividade: 1.contextualização da obra; 2.Trabalhar a relação homem-espço e homem-sociedade. Ambos os aspectos envolviam diretamente a disciplina Língua Portuguesa em seu aspecto discursivo e simbólico.

A metodologia da atividade consistiu em usar o livro como fio condutor para discussões multidisciplinar. Inicialmente trataríamos da ideia geral do livro, do contexto social, econômico e cultural. Em seguida distribuiríamos fragmentos da obra e pediríamos para que destacassem o trecho que mais se identificassem para ler em voz audível. Neste momento, utilizaríamos um programa de gravação para registrar as falas e compilar em um único arquivo de áudio.

3- EXECUÇÃO DA ATIVIDADE

Feito o planejamento prévio com os professores, objetivos e metodologias definidas, partimos para campo. O local escolhido tinha o acesso um pouco difícil, o que fez com que tomássemos a cautela de andar sempre em grupo. O critério para escolha do local se deu em virtude da preservação ambiental e do isolamento que ele proporcionava, assim estaríamos simulando o contexto espacial representado na obra. No deslocamento, os alunos, espontaneamente, citavam os nomes vulgares de algumas espécies da fauna e da flora. Na ocasião levamos um peixe para ser assado no local e para servir como refeição.

Chegando no local começamos a montar um acampamento, logo alguns alunos se mobilizaram a ajudar, dividindo tarefas. Em poucos minutos o peixe estava assando. Terminado os preparativos iniciamos a atividade.

Reunimos o grupo para lembrá-los que estávamos ali para desenvolver uma atividade e não apenas para um mero passeio. Os professores presentes comentaram que o objetivo da aula era promover a leitura do livro ambientado em um contexto semelhante ao cenário literário a fim de promover um debate sobre a abordagem central da obra, especialmente nos aspectos que dizia respeito à Sociologia, à Geografia e à Língua Portuguesa.

Previamente comentamos sobre o livro e fizemos um resumo geral. Dentro da problematização, o foco do trabalho foi à relação do indivíduo com seu espaço, com

sua sociedade e consigo mesmo. No campo da sociologia apresentamos alguns conceitos, tais como: desenvolvimento, Estado, socialização, sociedade e modernidade. Inicialmente partimos da abordagem mais ampla, relembramos o conceito de Estado e em seguida, pedimos para que diferenciasssem Estado de sociedade. Em seguida instigamos-lhes a pensar a relação indivíduos sociedade, bem como nas formas de controle usado pelo Estado. A exposição sobre os conceitos apresentados por cada professor acabou se transformando em um diálogo rico. Na tópico relacionado à sociologia, os alunos fizeram intervenção, apontando que os vícios e virtudes que temos são oriundos do “aprender a viver em sociedade”, no ensejo o professor usou conceitos de socialização e de representações sociais.

Em seguida, a discussão foi de encontro às temáticas da Geografia, principalmente na relação do homem com seu meio. O advento do capitalismo como grande transformador do espaço geográfico e a instauração do que chamamos “modernidade”.

A professora de Língua Portuguesa interagindo com as discussões abordou a influência do contexto social sobre a literatura e vice-versa. Comentou os significados e a obstinação pessoal do autor de encontrar a si próprio, perdendo-se na floresta. Lembrou que assim como o autor, Robinson Crusoe, mesmo isolado da sua sociedade, pensava e fazia alusão direta à ela. Isso fazia com o que o vínculo psicológico se mantivesse constante, de modo que se mantivesse mentalmente sadio.

Na medida em que os temas eram debatidos pelos professores surgiam os chamados “ganchos¹⁵” para que cada disciplina trabalhasse seu ponto de vista. A primeira a comentar foi a docente de língua portuguesa. Esta fez uma análise literária do livro instigando os alunos a fazerem o mesmo.

Havíamos dado aos educandos acesso ao livro com antecedência e, desta vez, lhes entregamos duas páginas para cada aluno de modo que a divisão ficasse equitativa. Pedimos que cada um fizesse a leitura do conteúdo entregue e em seguida lessem a trecho que mais se identificassem. Gravamos os recortes de cada leitura no programa chamado *audacity*. Compilamos as vozes em um único arquivo de mp3 e

¹⁵Popularmente chama-se de gancho a oportunidade que se tem de falar de um assunto correlacionado com o tema tratado naquela ocasião.

introduzimos uma trilha sonora. Assim os alunos tiveram, posteriormente, oportunidade de ouvir-se.

Durante a atividade absolutamente todos os alunos se concentraram em fazê-la. Levamos cerca de cinco aulas para organizar e executar tudo. Mesmo com o contratempo da chuva, ainda assim, observou-se que os discentes mantinham-se concentrados e focados na atividade. Neste momento constatamos que a atividade contribuiu pedagogicamente para dimensionar o aproveitamento da atividade por parte dos alunos.

3.1 O DIÁLOGO ENTRE A OBRA “ANDAR A PÉ” E A SOCIOLOGIA: UMA BREVE EXPOSIÇÃO

Há várias maneiras de usar a sociologia para trabalhar a obra “Andar a pé”. A o livro foi escolhido para o final do ano letivo justamente por conta desta facilidade em “passear” pelos conteúdos já ministrados, sendo possível utilizá-lo como revisão.

A primeira coisa que abordamos foi o contexto social, político e econômico do autor, o qual escreveu o livro na consolidação do capitalismo, justamente o momento em que surge a sociologia. É possível relacionar a história de vida do autor como um “escapismo” de uma sociedade moderna que surgia cheia de problemas, inclusive, abusos cometidos pelo Estado.

Mas o que é o Estado? É o monstro Leviatã de quem tanto fala Hobbes? Essas foram algumas das indagações feitas aos alunos. Para tanto foi preciso relembrar as contribuições de Durkheim, Marx e Weber referente ao entendimento de Estado. O primeiro entendendo que trata-se de uma instituição social, política e econômica que tem como objetivo garantir a coesão e coerção dos indivíduos dentro de uma jurisdição, evocando sentimentos de pertencimento social a que chamamos de patriotismo. Para Marx trata-se de uma instituição criada e controlada por um grupo dominante para satisfazer interesses de classe e manter sua dominação econômica. Para Weber, o Estado é uma relação de homens dominando homens, respaldados pelo uso da violência legítima. (TOMAZI, 2007)

Algumas outras reflexões foram provocadas, tais como: O Estado é violento? Em caso afirmativo, quais tipos de violência são exercidas? Será que para combater a violência do Estado só existe a ditadura do proletariado pregada por Karl Marx?

Nesse ponto apresentamos a obra em estudo, na qual a desobediência civil vem à tona como uma maneira de questionar a supremacia desse Estado opressor. Tal entidade é instituição criada por homens, mas que nenhum homem ainda não conseguiu destruir, apenas transformar. As ideias do autor ataca internamente a instituição, uma vez que são os cidadãos que reforçam o poder ideológico do estado. Como dito por Weber: o Estado detém a violência legítima, entretanto não é o suficiente para manter-se, sendo preciso que a ideologia legitimadora esteja consolidada. Cada Estado se baseia em uma ideologia a fim de manter seus indivíduos coesos, todavia esta coesão pode apresentar-se de forma abusiva é justamente o que aponta o autor. Temos que abrir mão de todos os nossos direitos?

Abrir mão de alguns direitos para criação do Estado é uma das prerrogativas máximas dos contratualistas. Dentre esses contratualistas podemos citar Rousseu, autor que parece ter inspirado bastante Thoreau. Rousseau é autor do pressuposto: “O homem nasceu bom e a sociedade o corrompe” (ROUSSEAU, 1973). Neste sentido, a floresta e os nativos na visão de Thoreau têm características éticas mais nobres. Essa ideia do “Bom Selvagem” influenciou uma série de romantistas. Neste momento o professor de Língua Portuguesa pode falar mais detalhadamente sobre o assunto.

Ainda nesta mesma perspectiva, foi possível estreitar a Sociologia e Geografia problematizando conceitos de desenvolvimento e civilização. Neste momento o professor desta área falou da relação do homem com o espaço e provocou os alunos a responderem o que é desenvolvido e quem é civilizado. Neste sentido, perguntou quem achava que aquele lugar estava sujo. Alguns responderam que sim. Ele provocou perguntando o porquê. Responderam que estava sujo porque havia varias folhas secas no chão. O professor, então, explicou que o espaço sujo e limpo mostra uma oposição na luta do homem x natureza. Em muitos momentos históricos esta relação foi vista como antagônica e somente com uma série de crises de recursos naturais e de problemas sociais a humanidade começou a se preocupar com essa questão. Para ilustrar melhor sua fala, comentou a expressão “jogar no mato” que estaria referido a

ideia equivocada que temos de que a natureza é um espaço a ser dominando, representando o sujo; enquanto o limpo seria a civilização.

Isto deu ensejo para que falássemos de cultura. Apresentei o conceito de cultura que aprendi na iniciação científica com meu orientador, para quem a cultura seria uma “sutura”, ou seja, é ela que costura o indivíduo ao mundo natural e social e dá sentido para o que somos e o que fazemos. Completei a fala do professor de Geografia comentando a ideia do antropólogo Levy-Strauss de “natureza x cultura”, para quem o homem tenta negar a natureza, ou ressignificá-la para a partir de então reforçar a cultura (LEVY-STRAUS, 2008). O hábito de cortar as unhas, por exemplo, representaria o homem tentando dominar a natureza para consolidar a cultura. A natureza é representada pelo crescimento orgânico e natural das unhas, enquanto a cultura é representada pelo costume. Quando se estabelece uma relação diferenciada com esta tendência natural, começa-se a dar um sentido estético e cultural, criando proibições e valores, é a partir daí que se sustenta a cultura.

Por fim a professora de Língua Portuguesa problematizou a seguinte questão: com um punhado de pedras e arame fizemos nossa churrasqueira. Foi a partir desta ação que nos veio à indagação: será que compramos o que realmente precisamos? A diferença entre o querer e precisar, distanciada de um contexto de uma sociedade consumista nos fez pensar sobre o ato de usar uma churrasqueira improvisada na floresta e suscitou uma série de discussões sobre a nossa pseudo-dependência do consumo e da tecnologia.

Neste momento finalizamos a aula tratando de questões relacionadas a todas as influências boas e ruins que a sociedade pode oferecer, revisando o conceito de socialização e indústria cultural.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um das principais vantagens da atividade foi quebrar um pouco da barreira formal que existe entre professor e aluno, criando uma situação informal. O tempo e o espaço da atividade de campo são diferenciados. Isso foi comprovado pelo fato de alguns discentes comentarem que o tempo parecia ter outra lógica no local. A relação

professor-aluno, aluno-aluno, professor-professor fica pode tornar-se menos complexas em função do distanciamento com a instituição. As relações tornam-se mais próximas e afetivas as quais provisoriamente lembram características de comunidade.

Quanto ao diálogo multidisciplinar, o livro mostrou-se rico em detalhes os quais podem ser abordados em diferentes áreas do conhecimento. Além das disciplinas apontadas, poderia complementar a atividade uma abordagem filosófica, história e psicológica, além de outras. O contexto de que trata a obra é de extremo interesse para a Sociologia, visto que tal ciência surge também nesta época, no advento da revolução industrial. Neste sentido, a escolha da obra, do ponto de vista dos objetivos da disciplina, serviu de um bom fio condutor para problematizar uma série de questões de interesse da Sociologia, da Geografia e da língua Portuguesa, dentre as quais podemos destacar o surgimento e consolidação do capitalismo como motor de mudanças e transformações sociais que fazem com que o homem pense na sua própria existência tanto como indivíduo como pessoa¹⁶.

A atividade cumpriu com seu objetivo de transportar o aluno a um cenário onde ele pudesse ser ambientado a refletir sobre as várias questões apontadas pelo texto. Em relação às atividades feitas em sala de aula houve um melhor aproveitamento. Tal melhoria no aproveitamento se deu por dois motivos: i) O tempo de 50 minutos em sala nas aulas de Sociologia torna-se limitado em comparação ao tempo disponível na atividade de campo; ii) A maximização do espaço entorno da área construída da escola.

Quanto às falhas que podem ser cometidas ao trabalhar este tipo de atividade foram percebidas basicamente duas: i) O planejamento poderia ser mais detalhado para que as discussões ficassem mais enfocadas em conceitos e em objetivos mais específicos. Além do livro poderia ter sido disponibilizado um texto com conceitos específicos que iriam ser trabalhados. Poderia ter sido elaborado um roteiro em conjunto com os professores para que a atividade fosse mais direcionada às questões específicas de cada professor. 2- Há dificuldade em fazer atividades multidisciplinar em razão da percepção de cada professor habituada a centrar-se apenas na sua própria

¹⁶ Ambos os conceitos podem parecer equivalentes, porém do ponto de vista da Sociologia indivíduo é a unidade biológica que interage socialmente para que este se integre ao corpo social para assim ser considerado pessoa. (JOHNSON, 1997)

disciplina, neste sentido, o planejamento em equipe com professores de áreas afins poderia agregar maior aproveitamento da atividade.

O resultado mostrou-se satisfatório para os objetivos propostos. Foi possível constatar que as disciplinas se complementam e que trabalhando multidisciplinarmente há um enriquecimento na abordagem dos problemas de estudo. Assim, foi possível trabalhar de maneira sistematizada e com objetivos propostos. Porém o grande desafio está na relação entre sistematização sem uma fragmentação dos conteúdos, bem como pelo excesso de formalismo que a educação pode acarretar.

5. REFERÊNCIAS:

COSTA, Nelson **Nery. Teoria e realidade da desobediência civil.** São Paulo: Forense, 2002.

DEFOI, Daniel. **Robinson Crusoé.** São Paulo:L&PM EDITORES, 2005.

HOBBS, Thomas. **Leviatã.** Ed. Martin Claret, São Paulo, 2006.

JOHNSON, ALLAN G. **Dicionário de Sociologia.** Rio de Janeiro. Zahar Editores, 1997.

LEVY-STRAUS, Claude. **Antropologia Estrutural.** Vol. 1.Rio de Janeiro: Cosac Naify, 2008

MARSHALL, T.H. (1967) **Cidadania, Classe Social e Status.** Rio de Janeiro. Zahar Editores

MORIN, E. **Educação e complexidade: os sete saberes e outros ensaios.** Organização Maria da Conceição de Almeida, Edgard de Assis Carvalho. Tradução Edgard de Assis Carvalho. São Paulo: Cortez, 2002.

ROUSSEAU, J.J. **Coleção "Os Pensadores".** São Paulo, Abril Cultural,1973.

THOREAU, David Henry. Andar a pé. Rio de Janeiro:Clássicos Jackson, 1958.

_____. **A desobediência civil**. In: DRUMMOND , José Augusto .
Desobedecendo : a desobediência civil & outros escritos. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.
p.-27-55.

TOMAZI, Nelson Dácio. **Sociologia para o ensino médio**. 1º edição – São Paulo:
Editora Atual – 2007.